

Dramaturgia
Latino-Americana
v.5

Outra
tempestade

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



EDITORA DA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

Alberto Brum Novaes

Suplentes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo



Fundo de Cultura

Lci 9431/2005



Governo do
Estado da Bahia

Secretaria de Cultura

LUIS ALBERTO ALONSO
HÉCTOR BRIONES
CACILDA POVOAS
(Los organizadores)

Dramaturgia
Latino-Americana
v.5

Outra tempestade

de Raquel Carrió e Flora Lauten

Tradução: Luis Alberto Alonso e Angela Reis

EDUFBA
Salvador-BA
2011

©2011 *by* Organizadores
Direitos de edição cedidos à
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA
Feito o depósito legal

Projeto Gráfico
Rodrigo Schlabitz

Revisão
Ana Lígia Leite e Aguiar

Editoração eletrônica e capa
Amanda Santana da Silva

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Brie, César.
Em um sol amarelo / César Brie; tradução, Consuelo Maldonado e Patrícia Leonardeli. -
Salvador : EDUFBA, 2010.
67 p. - (Dramaturgia latino-americana / organizadores Luis Alberto Alonso, Héctor
Briones, Cacilda Povoas; v. 4).

Obras publicadas juntas em sentido inverso.
Texto em português e espanhol.
ISBN 978-85-232-0706-9

1. Teatro boliviano. 2. Teatro latino-americano. I. Alonso, Luis Alberto. II. Briones,
Héctor. III. Povoas, Cacilda. IV. Título. V. Série.

CDD - Ar862

Editora filiada à:



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina,
40170-115 Salvador-BA
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

A Coleção

Com a publicação de *Outra Tempestade*, das autoras cubanas Raquel Carrió e Flora Lauten, o Festival Latino-Americano de Teatro da Bahia, em parceria com o Teatro Vila Velha e a EDUFBA, lança o quinto volume da coleção Dramaturgia Latino-Americana. Esta coleção vem preencher uma lacuna nas publicações de textos dramáticos no Brasil, onde a difusão da dramaturgia latino-americana contemporânea, principalmente dos anos 1990 em diante, tem sido escassa. Nesse sentido, a coletânea adquire uma importância fundamental por dar a conhecer outros formatos dramáticos, os quais operam temas e experimentações formais que têm dado, aos seus autores, um reconhecimento de porte internacional.

Os textos escolhidos para essa coleção são frutos das vivências e inquietações pessoais, sociais e artísticas de seus dramaturgos, onde o contexto globalizado se deixa ver entremeadado com o local, com os seus efeitos culturais e políticos. Há, sobretudo, nos textos aqui selecionados, uma fusão do tema com a forma. As temáticas são pensadas e materializadas, na escrita dramática, em função de seus aspectos rítmicos, sonoros, intertextuais, entre outros. Trata-se de uma dramaturgia cujos autores se sabem artífices cênicos, sendo seus textos provocações que estimulam o jogo da cena na interação de seus diversos elementos: luz, som, espaço, corpo, entre outros. São textos que deixam, intencionalmente, lacunas ou aberturas que pedem um diálogo íntimo com o leitor. É justamente este tipo de dramaturgia que essa coleção se propõe a divulgar e o texto *Outra Tempestade* constitui um importante exemplo.

A coleção Dramaturgia Latino-Americana configura-se como uma significativa possibilidade de aproximação da dramaturgia contemporânea de nosso continente, tanto para estudantes de literatura e artes cênicas, como para outras áreas de estudo. Do mesmo modo, a coleção poderá ser um material

valioso para artistas teatrais que queiram desenvolver sua prática cênica montando espetáculos a partir desses textos. Por esse motivo, optamos pelo formato de uma peça em cada exemplar, tornando o volume mais fácil de manusear na sala de ensaio, assim como optamos por uma edição bilíngue – português-espanhol – para que os leitores tenham acesso ao texto em sua língua nativa. Isso dá à coleção uma abrangência internacional, podendo ser de interesse também para investigadores, estudantes e artistas de qualquer localidade latino-americana.

Para o quinto volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana*, escolhemos *Outra tempestade*, texto escrito pela dramaturga e crítica Raquel Carrió e a diretora teatral Flora Lauten, ambas de nacionalidade cubana e pertencentes ao coletivo Teatro Buendía.

Salvador, 10 de maio de 2011.

*Luis Alberto Alonso, Cacilda Povoas e Héctor Briones
Os organizadores*

O Quinto Volume

Estruturada em quinze quadros, *Outra tempestade* narra a história dos encontros (imaginários ou sonhados) entre personagens shakespearianos e figuras da mitologia africana no Caribe.

Das ruas do Velho Mundo – como um teatrinho de títeres da época em um jogo que os caracteriza –, saem Macbeth, Otelo, o mágico Próspero e sua filha Miranda.

Paralelamente, Sicorax, na ilha, convoca o oráculo. Mãe de Oshún, deusa dos rios; de Elegguá, que abre e fecha os caminhos; de Oyá, rainha dos mortos e Caliban, filho de

Changó, Sicorax desata a tempestade por uma ação ritual. A expedição de Próspero ao Novo Mundo naufraga nas margens da ilha e os navegantes são resgatados pelas filhas de Sicorax.

Como em um labirinto em que os personagens “não sabem se estão mortos ou dormidos”, acontecem os encontros e feitiços provocados por Sicorax. Próspero confunde o Elegguá das florestas cubanas com o Ariel do seu reino perdido; Hamlet sofre a alucinação de Oshún com Ofélia; Otelo reencontra Desdêmona; Shylock acredita estar na terra prometida e regressa aos dias da sua juventude. Oyá seduz Macbeth através da sua mutação em Lady Macbeth e Miranda e Caliban encontram o amor numa curiosa subversão da fábula.

Trata-se de mutações e espelhismos¹ que subvertem a ordem lógico-causal dos relatos e transgridem os limites das personagens e a ação. Mas na intercepção de referentes, sonoridades e imagens europeias e africanas não há “vencedores” nem “vencidos”, e sim o intercâmbio de rituais e ações que caracterizam o sincretismo cultural próprio da América Latina e do Caribe. O “Laboratório de Próspero” é o reino da Utopia americana: o sonho da República Ideal e o universo de contradições que se desatam num espaço mítico onde todos estão condenados a representar, uma e outra vez, seus espelhismos. Daí as mortes rituais e o uso simbólico das máscaras-tipos em um final que nos adverte: “Tenho herdado uma terra arrasada pela utopia e o sangue”. No entanto, o espetáculo quebra a tragicidade implícita em seus referentes apelando à figuração de uma Mascarada que cria a possibilidade das mutações, o jogo intertextual, a mistura, a ironia, a paródia e a hibridização dos gêneros.

¹ Neologismo criado em Língua Portuguesa pelo tradutor, já existindo, em Espanhol, o termo espejismos. Palavra que designa a existência de um estado ilusório que provém do encontro de imagens recorrentes na mente de um povo acostumado à Utopia, a viver dentro de um sistema ilusório, imaginado, sonhado. Também pode ser lido como multiplicidade de imagens.

É este jogo que faz de Outra Tempestade uma reflexão sobre a herança e a apropriação cultural. Mas também uma “festa da alma e do corpo”, um estranho ritual carnavalesco e autofágico e, finalmente, um enramado cheio de metáforas, confissões e relações surpreendentes.

Raquel Carrió²

² CARRIÓ, Raquel. Ironías y paradojas del comediante. In: Teatro y Modernidad: siete ensayos de ficción. La Habana, abril-junio, 1997.

Outra tempestade

de Raquel Carrió e Flora Lauten

Tradução: Luis Alberto Alonso e Angela Reis



Personagens

HAMLET

PRÓSPERO

SICORAX

OYÁ¹/LADY MACBETH

OTELO

ELEGGUÁ²/ARIEL/JULIETA

SHYLOCK/ROMEO

1 Oyá (Deidade da Santería Cubana): Dona das centelhas, dos temporais, dos ventos e dos redemoinhos. É a dona do cemitério, fica na porta e é ela quem deixa entrar ou não. É uma deidade misteriosa e enigmática. A paixão sem medida nem fronteira. Com ela não se brinca. É ativa, violenta como o vento e tão apeteçível como o arco-íris. É a mãe da vida: dona da vida e da morte. É frágil e delicada, mas forte e terrível. Foi a primeira mulher de Changó e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Os apaixonados encontram nesta deidade o seu socorro e o seu conforto. Cor: vermelho, branco e transparente. Símbolo: taça, tapete, espada. Santo católico: Candelária, Santa Teresa de Jesus. Come: cabra, frutas, pombo, galinha. ALCARAZ, J L. Santería Cubana: ritual y magia. Madrid, Ed. Susaeta, 2000.

2 Elegguá (Deidade da Santería Cubana): É o secretário de Deus. Grande amigo de Changó. É sempre conveniente tê-lo como amigo, por ser, além de o primeiro dos Orixás, ele quem vigia a porta, deixando entrar o bom e o ruim, a depender de como seja tratado. É um santo que traz comida, que avisa do mau e de tudo. É o dono de todas as portas e caminhos, é quem vive na porta de casa. Faz brincadeiras e palhaçadas, mas não é o diabo. Avisa o mal, mas não o provoca. É o mensageiro de Olofi e nada pode ser feito sem a sua permissão. É o primeiro em tudo, o primeiro a comer. Em Cuba, é habitual encontrar na entrada de uma casa, junto à porta e no chão, um Elegguá. Segunda-feira é o dia que governa Elegguá. Terça governa Oggún e Ochosi. Quarta governa Babaluyé. Quinta governa Obatalá. Sexta governa Changó e Oyá, o Sábado Yemayá e Oshún e no Domingo governam todos os santos. A sua cor é vermelho e preto. Seu cetro é um galho em forma de gancho para puxar o mato e abrir caminho no monte, uma chave e uma fechadura. Come milho, mel, charuto, aguardente, galo, peixe assado ou defumado, arroz com leite, pudim de ovo, bolinhos doces de feijão, frutas. Santos católicos: São Pedro, Santo Antonio de Pádua, Niño de Atocha. (ALCARAZ, 2000)

OSHÚN³/OFÉLIA
MACBETH/CALIBAN
MIRANDA
DESDÊMONA
ECHU⁴

³ Oshún (Deidade da Santeria Cubana): É a dona do ouro, das riquezas e dos rios. Padroeira dos negócios e da fecundidade. É por isso que as mulheres que desejam ficar grávidas sem problemas são encomendadas e confiadas à Mãe Oshún, talvez por ser seu sincretismo com a Virgen de la Caridad del Cobre (Padroeira de Cuba). No Brasil, o sincretismo é com a Imaculada Conceição. Oshún é uma das divindades mais populares e de maior arraigo entre o povo cubano. Namoradeira e alegre é a mãe que dá tudo aos seus filhos. É o protótipo da mulher cubana, alegre, simpática e generosa, provocativa, amante da sua casa, dos seus filhos e do seu homem. Transmite aos seus filhos doçura, elegância, gosto pelas joias e perfumes, provoca neles calma e tranquilidade. Cor: amarelo. Símbolo: espelho, leque, ouro, pinheiro, perfumes. Santo católico: La Virgen de la Caridad del Cobre, Nuestra Señora de la Concepción, Nuestra Señora de los Dolores. Come: mel, galinha, arroz, pombo, cabra, tocino del cielo e todos os doces. (ALCARAZ, 2000)

⁴ Echu (Deidade da Santeria Cubana): É do grupo dos Orixás denominado de Os Guerreiros. Rege as manifestações do malévolo. Para que se manifeste o benévolo há que ter em conta o mau e tomar precauções para evitá-lo. Por isso tem uma forte relação com Elegguá, já que Echu representa um forte vínculo entre o positivo e o negativo, porque toda mudança exige uma crise e não há quietude sem sossego. Quando uma casa está protegida, é denotada a presença de Elegguá, e, quando há problemas, é que o Echu está presente. Os ocidentais têm confundido o Echu com o diabo, mas não é assim, já que seu objetivo é criar o caos para que sejam tomadas medidas para conseguir um balanço. Seu significado são as desgraças que acontecem em nossas vidas quando não estamos em sintonia ou balanço com o que nos rodeia. (ALCARAZ, 2000)

Estrutura do espetáculo

- I. O VELHO MUNDO**
- II. A ILHA**
- III. A TEMPESTADE**
- IV. OS ENCONTROS**
- V. AS RODAS**
- VI. A ÁRVORE DA VIDA**
- VII. O LABORATÓRIO DE PRÓSPERO**
- VIII. A REPÚBLICA**
- IX. A INTRIGA**
- X. O CASAMENTO**
- XI. O JUÍZO**
- XII. OS CACHORROS DE PRÓSPERO**
- XIII. O SEPULCRO**
- XIV. OS ASSASSINOS**
- XV. CALIBAN REX**

Estreada pelo Teatro Buendía em sua sede na rua Loma com a rua 39, La Habana, em março de 1997, com o seguinte elenco e equipe artística:

Hamlet: José Antonio Alonso
Próspero: Félix Antequera
Sicorax: Dania Aguerreberrez
Oyá/Lady Macbeth: Ivanessa Cabrera
Oteló: Carlos Cruz
Eleguá/Ariel/Julietta: Antonia Fernández
Shylock/Romeu: Pablo Guevara
Oshún/Ofélia: Sandra Lorenzo
Macbeth/Caliban: José Juan Rodríguez
Miranda: Ileana Wilson

Percussão: Agustín Gómez, Alfredo Hernández, Leandro Moré e José del Pilar Suárez

Piano: Jomary Hechavarría
Sax e flauta: Juan Larrinaga

Direção: Flora Lauten
Dramaturgia: Raquel Carrió e Flora Lauten
Desenho de cenografia e vestuário: Eduardo Arrocha
Desenho de luz: Carlos Repilado
Assessoria musical: Ireno García
Dança: Rodolfo Alcalá e Manuela Alonso
Realização de máscaras: Alberto Velázquez
Assistente de direção: Fanny Rojas
Maquiagem: Adela Prado

Produção: Alina Socorro
Administração: Lourdes Navarro
Direção geral: Flora Lauten

I. O VELHO MUNDO

Pelas ruas do Velho Mundo aparecem as personagens disfarçadas de comediantes ambulantes. Diferentes entradas e planos de representação. É uma praça perto do porto. Hamlet, disfarçado de bufão, chama o público e o convida para o teatrinho de títeres. Música de época. Cores em branco, preto, cinza e ocre. A textura de um lenço de onde saem ou se iluminam figuras.

HAMLET

Venham senhores, venham! Pela primeira vez os comediantes de Elsinor representando...! (Canta.) Quando eu era jovem, e amava e amava... muito doce... tudo me... parecia! (Risos.)

Música judaica na entrada de Shylock por uma das ruas, disfarçado de mendigo.

HAMLET

(Sobre a música segue a representação do teatrinho de títeres, que vai se formando com as figuras.) Esta caveira *(Mostra.)* hum!... Tinha língua. E em outro tempo, costumava cantar...

SHYLOCK

(Sobre a música interrompe o texto de Hamlet. Inicia uma reza judaica.) Adonai, leva-nos à terra que nos tem prometido. *(Continua a reza com palavras entrecortadas.)*

HAMLET

(Sobre a reza.) Deixe-me ver, de quem será? Hã? De quem...? De um político! *(Se esconde.)*

SHYLOCK

... Meus olhos estão cansados de sofrer, Adonai, têm envelhecido...

HAMLET

(*Sai com o crânio e a espada.*)... De um ardiloso? Não, não, não! É de Caim, a caveira que cometeu... (*Traspassa a caveira com a espada.*) o primeiro assassinato! (*Grita.*)

Entram pelo centro Próspero, Miranda e Otelo representando o teatrinho de títeres. Próspero é um Mago, Miranda uma moura cativa, Otelo um guerreiro cansado, puxado pelos fios de Próspero.

MIRANDA

Oh! Vossas veneráveis e velhas sombras que passais velozes e fugazes de noite, neste lado do mundo! Adormecei-nos, para podermos sonhar com o que vai acontecer no ano 2000!

Música do teatrinho de títeres. Jogo dos títeres sobre o poema de Martí,⁵ “A pérola da moura”.⁶

5 José Martí (1853-1895): Poeta, político, pensador, jornalista e filósofo cubano. Seu pensamento transcendeu as fronteiras do seu país e adquiriu um caráter universal. Em Cuba é chamado de “El apóstol”.

6 La Perla de la Mora, de José Martí

Una mora de Trípoli tenía
Una perla rosada, una gran perla
Y la echó con desdén al mar un día:

- «¡Siempre la misma! ¡ya me cansa verla!»
Pocos años después, junto a la roca
de Trípoli... ¡la gente llora al verla!
Así le dice al mar la mora loca:
- «¡Oh mar! ¡oh mar! ¡devuelveme mi perla!»

A Pérola da Moura, de José Martí

Uma moura de Trípoli tinha
Uma pérola rosa, uma grande pérola
E jogou-a com desdém no mar um
dia:

- “Sempre a mesma! cansei de vê-la!”
Poucos anos depois, junto ao rochedo
de Trípoli... o povo chora ao vê-la!
Assim disse ao mar a moura louca:
- “Oh mar! oh mar! devolva minha
pérola!”

PRÓSPERO

No estranho bazar do amor, a pérola triste e sem par, lhe tocou por sorte a Agar...! Agar de tanto vê-la, de tanto tê-la no peito, chegou a aborrecê-la...

OTELO

Estou velho, cansado...

PRÓSPERO

E jogou a pérola no mar!

MIRANDA

O que fizeste torpe, o que fizeste...?

PRÓSPERO

Eu guardo a pérola triste! Nossas cidades são estreitas, mas também são estreitas as mentes da sua gente! (Todos riem.) Isto é assim, mas não continuará sendo assim... (Cita o texto de Galileu Galilei.) porque tudo se move!

Entra Macbeth por uma das ruas, disfarçado de Monge ilusionista. Brinca com adagas.

MACBETH

É uma adaga isto que tenho frente a mim com a empunhadura ao alcance da minha mão? Imagem fatal! Não é sensível ao tato nem ao olhar. (Crava-se a adaga.)

PRÓSPERO

Ao nosso Velho Mundo chegou um rumor... Existem novos continentes!

MACBETH

(Faz uma cruz com as adagas.) Fidelidade ao Rei!

PRÓSPERO

(Rindo.) E desde que os nossos barcos navegam até eles, o imenso e terrível mar é somente um charco!

MIRANDA

(Alucinada, grita.) Ilha!

TODOS EM CORO

Ilha!

Música da Ilha. Sons de água, pássaros, vegetação.

PRÓSPERO

(De cima, lendo.) Será um paraíso com uma belíssima vegetação... E as árvores terão os troncos em forma de estrelas... Um paraíso de pássaros exóticos!

II. A ILHA

Ilumina-se o centro da cena. Azul e branco. Sons da ilha. Sicorax surge do mar. Movimento das ondas (Dança ritual de Yemayá.). Nascimento das filhas. São três. Representam Oshún, rainha do rio, do ouro e do mel, deusa do amor; Oyá, rainha do vento e da centelha, dona do reino dos mortos; Elegguá, deus menino e velho ao mesmo tempo, o que abre e fecha os caminhos. Música renascentista. Som de um barco. Sicorax mostra o oráculo e visualizam a expedição de Próspero ao Novo Mundo. Ação ritual sobre a imagem dos navegantes (o barquinho).

OYÁ

Onde você estava, irmã?

OSHÚN

Com um marinheiro afogado.

ELEGGUÁ

E os outros?

OSHÚN

Os perseguirei dia e noite.

OYÁ

Agirei...

OSHÚN

Agirei...

ELEGGUÁ

Agirei!

AS TRÊS IRMÃS

Agirei! (*Envolta de um barquinho que evoca a expedição.*)

OYÁ

(*Inicia o canto e toque ritual: coro de ialorixás e percussão africana. Sobre o canto ritual, em segundo plano, materializa-se a imagem evocada dos navegantes no barco.*)

SHYLOCK

(*A Próspero.*) Leva-nos à terra que nos tem prometido!

Canto ritual. Contraponto: vozes do barco e toque de tambores. Vozes do barco:

MACBETH

Soltem o timão!

OTELO

Icem as velas!

HAMLET

(*Sobre o mastro.*) Terra!

Música do barco e contraponto de tambores.

III. A TEMPESTADE

Em dois planos. Cruzam-se imagens e sons. As duas figurações do barco.

MIRANDA

Chove forte!

HAMLET

Uma tormenta se aproxima!

Som vertiginoso de tambores. Dança ritual das irmãs com o barquinho.

OYÁ

Eu lhe darei o trovão!

ELEGGUÁ

Eu lhe darei o vento!

OSHÚN

Eu lhe darei a chuva!

Toque de tambores da tempestade. Ações simultâneas. Dança ritual, vozes e movimentos dos navegantes. Vozes do barco.

HAMLET

Tudo está perdido! Rezemos!

SHYLOCK

Israel, Adonai...! (*Reza judaica.*)

OTELO

Encalhamos!

MACBETH

Nafragamos!

Toque de tambores in crescendo. Dança das irmãs. Canto Iorubá Ekó: coro das ialorixás e os tambores (Expressa o afundamento, o naufrágio, a entrada em Outro Mundo).

A imagem do barco se desfaz. Som das ondas do mar.

IV. OS ENCONTROS

A ilha como um labirinto. Os náufragos perdidos e dispersos na ilha. Uma natureza desconhecida, mas são presenças vivas: seres que se materializam e mudam suas formas e aparências. Sons da ilha: água, pássaros, ramos de árvores. Próspero procura Miranda e encontra-se com Elegguá, o orixá dos montes cubanos. Na sua primeira aparição, Elegguá é um pássaro ou uma criança.

PRÓSPERO

(Grita.) Miranda! Miranda!

ELEGGUÁ

(Como um passarinho, repete.) Miranda! *(Sons e movimento.)*

PRÓSPERO

(Maravilhado.) Como te chamarei, alma ou espírito?

ELEGGUÁ

(Em um jogo, repete as palavras como um passarinho.) Pírito!
Pírito!

PRÓSPERO

(O confunde, o nomeia.) Ariel! O mais antigo habitante dos bosques do meu reino! O gênio do ar! O mensageiro! *(Rí.)* Vem a mim, Ariel! Vem a mim, servo! *(O hipnotiza com a sua vara.)* Serei teu mestre! *(Olha-o fixamente.)* Onde estamos?

ELEGGUÁ /ARIEL

(*Hipnotizado.*) A ilha está cheia de rumores... sons... e doces cantos... que dão prazer e não te ferem!

*Canto a Oshún (Veroni).*⁷

PRÓSPERO

(*Escuta. Sobre o canto.*) E quem são seus habitantes?

ELEGGUÁ /ARIEL

(*Mostra Oshún no rio. Sons e gestos de Oshún.*) Oshún, sereia dos rios, dona do ouro e do mel... (*Lhe oferece mel.*) Oñi!⁸

Coro de Orixás e músicos Iorubás.

ELEGGUÁ /ARIEL

(*Mostra Oyá*) Oyá, dona da centelha e do vento... que reina no reino dos mortos.

Gritos e gestos de Oyá com o iruke.

ELEGGUÁ /ARIEL

(*Fofoqueiro.*) E Caliban...! (*Mostra Sicorax parindo Caliban no monte.*) Filho da terra... porque Sicorax desobedeceu ao

⁷ Reprodução a partir da tradição oral. (NT).

Veronia bebbe Osum

Veronia bebbe leddá

Iá iumú bragaraleddá

Veronia bebbe Osum.

⁸ Oñi (Iorubá): Mel de abelhas. (ALCARAZ, 2000)

oráculo e teve amores com Changó⁹ Awó!¹⁰

*Imagens de Siorax e Caliban no monte. Nascimento, jogos.
(Caliban como Changó.)*

PRÓSPERO

Está grávida!

ELEGGUÁ /ARIEL

Ike!¹¹ É a nossa mãe!

PRÓSPERO

(Lembrando.) Não é essa a bruxa que desterraram de Argel pelos seus sortilégios e malefícios?

ELEGGUÁ /ARIEL

Não! É rainha! Dona de sete caminhos! Sábia, voluntariosa...!

⁹ Changó (Deidade da Santeria Cubana): É o orixá da justiça, considerado poderoso, impulsivo e facilmente irritável. Castiga os mentirosos e os ladrões. É um Deus muito medroso e covarde, tem medo dos mortos. Existem dois tipos de Changó, o jovem “Aganjú”, dono da justiça e o velho “Godó”, dono da lei e das escrituras legais, padroeiro dos intelectuais. As pessoas que se dedicam a ele são voluntariosas, enérgicas, conscientes da importância dele e de suas obrigações. Possuem um grande sentido da justiça. É a caracterização do homem que vive o presente, que desfruta do prazer, ainda que seja por um instante, não importa o futuro. Cor: Branco e vermelho. Símbolo: balança. Santo católico: São Miguel, São Jerônimo, São Marcos de Leon, Santa Bárbara. Come: o amalá, frango, frutas, farinha, vinho tinto, codorna e carneiro. (ALCARAZ, 2000)

¹⁰Awó (Iorubá): Sacerdote de Ifá. Babalawo que utiliza os caracóis ou búzios. (ALCARAZ, 2000)

¹¹ Ike (Iorubá): Força. (ALCARAZ, 2000)

Dona de todas as águas: as bebemos ao nascer e as bebemos ao morrer...

Toque e canto de Changó (Por Caliban.).

ELEGGUÁ /ARIEL

Quando Sicorax morrer, meu irmão será rei!

PRÓSPERO

Rei?

Riso de Sicorax.

ELEGGUÁ /ARIEL

Caliban! (*Vai procurá-lo.*)

Imagens de Elegguá e Caliban sobre evocações de Próspero.

PRÓSPERO

(*Lembrando.*) Eu também tinha um irmão, Ariel. (*Música renascentista.*) Meu irmão, a quem eu amava tanto, chegou a me achar incapaz para o poder terreno, porque eu passava o tempo dedicado ao estudo das ciências ocultas, à elevação do espírito. E aliando-se a um exército inimigo nos desterrou, a minha filha Miranda e a mim, do nosso país. Vagamos pelas ruas fugindo da morte. Zarpamos nessa nave desfeita agora pela tempestade. E aqui estamos!

ELEGGUÁ /ARIEL

Próspero! Babá!¹² (*Mostra a Caliban, que não quer ver Próspero.*)
Êta, Caliban! Êta!

PRÓSPERO

(*Maravilhado com o encontro.*) O bom selvagem! (*Mostra-lhe um espelho.*) Criatura, olha! (*Caliban se vê no espelho. Assusta-se. Foge.*)

ELEGGUÁ /ARIEL

Grandes são teus poderes! Levas vantagem de Sicorax!

PRÓSPERO

Ariel, o verdadeiro poder está nas mãos dos sábios.

ELEGGUÁ /ARIEL

Ike!

PRÓSPERO

Você será meu servente.

ARIEL

(*Convencido.*) Magnífica ocasião! Para voar, para tocar as nuvens, para me lançar ao fogo!

PRÓSPERO

(*Ri às gargalhadas.*) Ariel, vem e procura embaixo da minha

¹² Babá (Iorubá): Pãe. (ALCARAZ, 2000)

saia!

Música renascentista. Ariel tira uma máscara dourada do vestido de Próspero.

ARIEL

Ei! O que é isto?

PRÓSPERO

(Muito envaidecido.) Alquimia, Ariel! Alquimia!

ARIEL

Alquimia?

PRÓSPERO

(Como um segredo sobre os navegantes.) Todos escondem debaixo do disfarce alguma paixão ou algum crime. *(Brincando de representar com a máscara.)* O mais leal, o mais valente, o mais apaixonado...

ARIEL

Kawo!¹³

PRÓSPERO

Brinca, Ariel, brinca...! Faça desta ilha um labirinto!

Sons estranhos: ondas, matos, passos na areia.

¹³ Kawó (Iorubá): Saudação, aclamação. (ALCARAZ, 2000)

Entra Shylock quase afogado, rodando dentro de um tonel de vinho. Lamenta-se.

SHYLOCK

Ai! Ai!

PRÓSPERO

(A Ariel.) Nos tornaremos invisíveis! *(Assopra-o.)*

ARIEL

(Imitando Próspero.) Que estranha é a raça humana! Oh, Mundo novo e esplêndido!

Som de tambores. Entra Otelo abrindo caminho entre as árvores. (Contraponto.)

OTELO

Bom cheiro de especiarias!

SHYLOCK

(Revivendo.) Cravo!

OTELO

Banana!

SHYLOCK

Canela!

OTELO

Coco!

SHYLOCK

Pimenta! Será esta a Terra Prometida?

OTELO

Estaremos na África?

SHYLOCK

(Reza judia.)

OTELO

(Reza Iorubá.)

PRÓSPERO

(*De acima.*) Ariel, que a sede lhe provoque estranhas visões!

ARIEL

(*Atira uma flecha.*) Agô¹⁴!

Sons da ilha muito intensos. Pássaros, árvores, animais selvagens.

Entra Macbeth.

MACBETH

Se eu fosse rei desta plantação!

PRÓSPERO

(*De acima.*) Um General que quer ser Rei?

¹⁴ Agô: Pedido de licença, permissão, atenção. Bater numa porta. (ALCARAZ, 2000)

MACBETH

Espíritos! Eu os esconjuro!

Cai preso dos fios do bosque tirados por Sicorax e Oyá.

MACBETH

(Alucinado entre os fios.) Quem burlou mil vezes a morte?

CORO DA ILHA

Macbeth!

MACBETH

Quem conquistou mais terras para o reino?

CORO

Macbeth!

MACBETH

Quem ganhou mais escravos para o rei?

CORO

Macbeth!

MACBETH

(Alucinado.) Eu...!

Risos do coro da ilha. Vozes deformadas. Som do rio. Um manancial.

OTELO

(Vê a cascata.) Será esta a Fonte da Eterna Juventude? *(Se aproxima. Ri. Se banha nas águas.)*

OSHÚN

(Som de asfixia. Com voz de Desdêmona.) Mouro, esposo meu...

OTELO

(Como uma alucinação.) Senhora!

OSHÚN /DESDÊMOMA

Amei-lhe o suficiente... *(Ri. Coro de risos da ilha.)*

OTELO

Esta terra está enfeitiçada!

Som de cavalos. Entram Próspero e Ariel. Próspero com um títere que representa Otelo.

PRÓSPERO

Mouro!

ARIEL

(Como o eco de Próspero.) Mouro!

PRÓSPERO

Você está velho, cansado, pouco habituado à linguagem da paz, mas tem um coração nobre, por isso preciso de você. *(Com um títere guerreiro ao ouvido de Próspero.)* Procure Miranda. Você a perseguirá com alma apaixonada.

ARIEL

Mouro, dê de presente um lenço! (*Ariel lhe dá um lenço branco.*)

OTELO

(*Ri.*) Meu lenço!

PRÓSPERO

Graças à minha magia encontrará as suas vestimentas intactas!

ARIEL

Babá!

PRÓSPERO

Brinca, Ariel, de forma tal que não saibam se estão mortos ou dormidos...!

Sons da ilha... Pássaros, mato. Oshún sai do fundo do rio e encontra Miranda. Salva-a. Banha seu corpo com mel. A possui. Ritual de iniciação e encantamento.

Entra Hamlet.

HAMLET

(*Chamando, olhando para todas as partes.*) Ei! Ei! Esta ilha parece deserta!

PRÓSPERO

(*Maravilhado.*) Esta ilha me faz ver as coisas em dobro...!

Sons, passos. Sons de água, pássaros, mato.

HAMLET

Inabitável!

OSHÚN E MIRANDA

(Do rio.) Te apaixonarás pela primeira pessoa que veres...!

PRÓSPERO

(Surpreso.) Vi minha filha Miranda no rio e me pareceu que eu estava vendo uma mulher com duas cabeças!

SHYLOCK

Ai! Está doendo minha barriga!

PRÓSPERO

(Irônico com Shylock.) O que é a vida... uma ilusão?

SHYLOCK

Essa ilha é pior que um cárcere!

PRÓSPERO

(Eufórico.) Pois que haja liberdade em todos os cantos da terra porque de fato eu me divirto muito com uma prisão assim!

HAMLET

(Em delírio.) Minha alma vaga numa esplanada do castelo condenada a andar errante!

Um grasnido. Sons intensos da ilha. Sobre eles, música da renascença: uma evocação.

HAMLET

(Incorpora as suas visões.) Pai, é você ou é outro espírito que vem me visitar?

ARIEL/ELEGGUÁ

(Canta.) A cinco braços daqui / jaz o corpo do teu pai...

HAMLET

(Com a espada.) Os crimes sairão da vista dos homens embora sejam sepultados por toda a terra!

PRÓSPERO

(Irônico com Hamlet.) Ser ou não ser...!

ARIEL

(Canta.)... corais são seus ossos/ pérolas são seus olhos tristes...

HAMLET

(Dubitativo.) Estranho é este dormir com os olhos abertos...

ARIEL

(Canta.)... e todo o mar tem se transformado/ em algo formoso e estranho...

HAMLET

(Confunde Ariel.) Yorick!

Som de tambores e instrumentos Iorubás.

HAMLET

Senhoras e senhores... Espectadores mudos deste drama: que cômicos são esses? (*Aponta para eles.*)

ARIEL

Olha... no fundo do mar havia um palácio. E ali viviam um rei... e uma rainha...!

HAMLET

O quê?

ARIEL

(*Conta um patakín.*)¹⁵... Porém um dia, passeando pelo seu jardim, um rei lascivo e criminoso de um país vizinho... (*Toca seu tamborzinho.*) deixou cair umas gotas de veneno mortal no ouvido do nosso rei... e se apoderou da rainha e do reino!

HAMLET

A Ratocira!

ARIEL

(*Continua o patakín.*) Desde então, surgiu o mar que divide a terra em duas metades: divide os irmãos, os amigos... e os amantes!

Canto de um galo ao amanhecer.

HAMLET

(*Confundindo os planos.*) Que ação mais louca e criminosa!

¹⁵ Nome que é dado às lendas da mitologia afro-cubana.

Toque de tambores.

PRÓSPERO

(Por Hamlet.) Morrer, dormir, morrer...

HAMLET

(Em delírio.) Morta? Morta não, adormecida...!

Música renascentista.

HAMLET

... Flutuando como um anjo sobre a água!

OSHÚN/OFÉLIA

(Como visão de Hamlet, canta.) Amanhã é a festa de San Valentín...¹⁶

HAMLET

Ofélia!

OSHÚN/OFÉLIA

Amanhã é a festa de *San Valentín* / ao toque da alvorada virei por aqui...

HAMLET

(Ajoelhado, sobre as cinzas dos mortos.) Amada Ofélia, nas tuas preces lembra-te de mim!

¹⁶ San Valentín, santo que é cultuado no dia dos namorados.

Riso de Oshún/Ofélia.

OSHÚN/OFÉLIA

(Muito sensual.) Como te reconheceria, dono do meu coração...?

HAMLET

Não, não! Vá para um convento! Vá para um convento!

OSHÚN/OFÉLIA

(Brincando.)... Pelo chapéu de conchas, as sandálias e o bordão...

HAMLET

Não seja mãe de pecadores!

OSHÚN/OFÉLIA

Contam que a coruja era filha de um padeiro...

HAMLET

(Seduzido.) Você é bela?

OSHÚN/OFÉLIA

Sou donzelinha! *(Incorpora-o.)* Você é honesta? Sou donzelinha! Você é formosa? *(Com ira.)* Sou donzelinha!

HAMLET

Chega!

OSHÚN/OFÉLIA

(Incorporando-o.) Eu lhe amava, Ofélia...

OYÁ

*(Como mãe de Hamlet. Com coroa e iruke.)*¹⁷ Eu não lhe amava!

OSHÚN

Eu lhe amava Ofélia.

OYÁ/MÃE

Eu não lhe amava!

HAMLET

Mãe! *(Com a espada, como o rei.)* Gertrudis, por Deus, vai embora, vai embora...! Esse menino está louco!

PRÓSPERO

Louco!

Sobre música gravada coro de vozes da ilha por todas as partes, deformadas.

VOZES DA ILHA

Louco! Louco! Louco! Louco!

HAMLET

(Enlouquecido pelas vozes. Tampando os ouvidos.) Mas de astúcia!

¹⁷ Iruke (Iorubá): Atributo do orixá. Rabo de cavalo. Serve para limpar e afastar as más influências. (ALCARAZ, 2000)

OYÁ/MÃE

(Zombando.) Hamlet, meu filho, você está muito gordo! *(Ri.)*
Vingança! Vingança!

HAMLET

(Com a espada.) Vingança!

Toque de tambores. Sons da ilha: pássaros, rio, folhas de árvores. Entra Miranda por uma lateral e Caliban pelo fundo. Som de percussão em todo o encontro. Caliban na sua gruta formada com paus do monte. Miranda no rio. Descubrem-se. Toda a natureza da ilha: júbilo, exaltação. A aproximação é muito lenta. Olham-se, cheiram-se, tocam-se. Brincam juntos. Entram na gruta. A sonoridade in crescendo até a voz de Próspero.

PRÓSPERO

(Grita.) Miranda! Miranda!

Caliban foge. Encontro de Próspero e Miranda. Miranda lhe cobre os olhos por trás.

PRÓSPERO

(Evoca a representação.) No estranho bazar do amor/ a pérola triste e sem par...

Música de feira.

V. AS RODAS

MIRANDA

(Pula sobre ele.) Papai!

PRÓSPERO

Miranda, meu coração sabia que estavas viva! *(Abraça-a com júbilo. Olha-a fixamente.)* Se eu lhe contasse que vi nativos! Não são como nós... São felizes! Sem roupa, sem dinheiro... Acredito que vivem na Idade do Ouro *(Mostra-lhe as rodas.)*

Música das rodas. Dançam. Alegria, festa, epifania. As rodas e a vara formam um carrinho.

MIRANDA

(Por sobre o carrinho.) Pai, precisamos de alguém que nos mostre a ilha!

PRÓSPERO

(No jogo.) Seja! *(Passeiam no carrinho.)* Miranda, quero para ti um casamento feliz, do qual nasçam filhos inspirados nas leis da Natureza!

MIRANDA

(No passeio.) Um casamento feliz! Um casamento feliz!

PRÓSPERO

(Coroa Miranda com as rodas.) Miranda, você será a rainha desta plantação.

A cena escurece. Som de ferros e paus do monte.

PRÓSPERO

(Em segredo.) Miranda, é hora de saber quem você é. *(Move as rodas com a vara.)* Olhe no centro da roda... entregue-se ao sonho *(Hipnotiza-a.)* Você flutua sobre uma cidade antiga... pode ver os rios... as casas... as pessoas pequeninas... O que você vê?

MIRANDA

(Hipnotizada.) Está muito longe!

PRÓSPERO

O que é?

MIRANDA

Uma feira... uma mulher.

PRÓSPERO

Quem é?

MIRANDA

Os olhos vendados, e uma cesta... Não, não, não... uma gaiola!

PRÓSPERO

(Rindo.) São pássaros que conduzem até a fronteira.

MIRANDA

(Brincando com as mãos na feira: uma lembrança longínqua.)
Laranjas! Laranjas!

PRÓSPERO

(Estranhado.) Me diga, o que você tem nas mãos?

MIRANDA

(Olha suas mãos. Com horror.) Sangue! *(Aterrorizada.)* Sangue!

OYÁ

Sangue!

PRÓSPERO

Ariel! Os naufragos estão a salvo?

ARIEL

O inferno está vazio, meu senhor, e aqui estão todos os seus diabos!

PRÓSPERO

(Imperativo.) Quero vê-los!

Música judaica.

VI. A ÁRVORE DA VIDA (SONHO DE SHYLOCK)

SHYLOCK

No centro do mundo há uma árvore muito alta. Podemos vê-la desde os lugares mais longínquos... São tão belas suas flores e tão abundantes seus frutos que são suficientes para alimentar todos nós. É uma árvore tão poderosa que a vida de todo o mundo depende dela...

Sicorax e as filhas formam a Árvore.

SHYLOCK

Ai! Graças ao Senhor, porque isto não é uma alucinação! Aqui estou, no meio do Paraíso, sentado como um rei embaixo da Árvore da Vida.

A Árvore formada pelas filhas mexe as ramas.

SHYLOCK

(Embaixo da Árvore, entre os ramos.) Sou rico! Minha vida tem sido boa...! Não preciso de nada! Para quem tenha sede, darei de beber a água do manancial da Eterna Juventude...!

SICORAX E AS FILHAS

(Como um eco.) Água!

SHYLOCK

Para quem tenha fome, darei de comer do maná escondido... sem que lhe custe nada!

Risos.

SHYLOCK

Sou rico! Minha vida tem sido boa! Não preciso de nada!
(*Adormece entre os ramos.*)

Gritos selvagens.

SHYLOCK

(*Desperta.*) Estarei com a febre do trópico?

As filhas se transformam em vespas. Zumbem, picam-no.

SHYLOCK

(*Desesperado.*) Odeio Próspero! Maldito seja! Os dias do seu reino estão contados! Tudo o que você construir será pó!
(*Maldições judaicas.*)

PRÓSPERO

Ariel! Você fez o que lhe ordenei?

ARIEL

Ponto por ponto, meu Senhor. Nenhum dos naufragos deixou de sentir febre de loucura... Deixei todos na letargia de um sonho!

PRÓSPERO

(*Hipnotiza Ariel com a vara e as rodas.*) Ariel, somos feitos da mesma matéria dos sonhos... e a nossa vida termina com um grande sonho! (*Canto de Miranda ao longe.*)

VII. O LABORATÓRIO DE PRÓSPERO

Imagem de Miranda carregando água do rio em tinas.

PRÓSPERO

(A Ariel, sobre as rodas.) Lhe confessarei um segredo, amigo meu: não vim conquistar, mas fundar um Mundo Novo de onde nasçam homens livres capazes de realizar a minha Utopia!

ARIEL

Adoro as suas palavras, meu Senhor! *(Humilde, triste.)* Você gosta de mim, amo?

PRÓSPERO

(Acaricia-o, ri.) Com todo o meu coração! Voa, Ariel, voa e conta a todos como será a nossa República! *(Riso, euforia.)*

Ariel sai voando. Som de pássaro.

PRÓSPERO

(Sozinho. Escurece a cena. Sons estranhos, distorcidos. Como uma caricatura de si mesmo.) Acreditavam que eu era um velho louco, incapaz de governar...? *(Ri.)* Olha aqui as minhas ideias, elas não morreram e encontrei nessa ilha o lugar ideal para meus experimentos...!

Som de sax. Entra Caliban no Laboratório. Sons inarticulados. Música renascentista.

PRÓSPERO

(Mostra-lhe o telescópio. A Caliban.) Durante dois mil anos a humanidade inteira acreditou que o sol e os outros astros

giravam ao seu redor... Todos acreditavam estar imóveis na sua bola de cristal! (*Ri.*) Mas hoje nos lançamos para uma nova era! Os velhos tempos ficaram para trás! (*Mostra o telescópio.*) O astro maior! O astro menor! Esses são os inumeráveis mundos dos quais falava aquele que queimaram na fogueira. Ele não os viu... mas os esperava!

Brincam. Caliban joga água em Próspero.

PRÓSPERO

Á-gua!

CALIBAN

Á-gua...

Ensina-lhe a escrita. Escreve com a vara I-LHA. Caliban escreve I-LHA. Riem.

Entra Ariel. O Laboratório escurece.

VIII. A REPÚBLICA (OU O DISCURSO DA UTOPIA)

ARIEL

Escutem, por favor! Nasceu a República! (*Música da República.*) O Mestre a trouxe. Já não seremos mais um povo de folhas secas sujeito ao capricho dos ventos... perdidos no confim da rosa náutica! Até ontem, vivíamos como bestas, sem ideia nem consciência, esquecendo de Deus...! Deixa ver, sabem o que é um astrolábio? E um sextante? Conhecem o vapor? As letras? A música? Escutem o que venho lhes dizer, é uma coisa boa e nova! Chegou a luz dos sábios! Nasceu a República! (*Descobre as máscaras uma a uma.*)

Teatrinho de títeres com máscaras.

ARIEL

O governo da República viverá de acordo com as suas próprias leis... (*Máscara do enfermo.*) Os enfermos serão atendidos, cuidados, tratados com esmero. (*Máscara do louco.*) E os loucos, que na verdade serão poucos!, se converterão em bobos da corte que manterão a diversão pública... (*Máscaras de casamento.*) O casamento... durará toda a vida! E o adultério será pago com a mais vil escravidão! E a sua reincidência, com a morte! (*Máscara dos filhos.*) Nossos filhos... nascerão sãos, fortes, livres. E não abandonarão o país, pois viverão conformados! Se em algum lugar do Novo Mundo existe uma ilha, é esta, e o seu nome será: U...TO...PI...A...!

Sons da ilha. Pássaros, folhas, ramos, vozes: como um coro. Entram todas as personagens com ramos de árvores. Formam o teatrinho de títeres da Utopia.

ARIEL

Para os habitantes de Utopia, a República será um paraíso...!

Sons intensos da ilha. Sacodem os ramos. Notas muito leves do Hino Nacional.

PRÓSPERO

(No centro do teatrinho de títeres.) Para os habitantes de Utopia o trabalho será o mais importante!

Sons duros, violentos: rodas, martelos. Gritos. Imagens de vassalagem.

OTELO

Em Utopia fica proibida a guerra!

Imagens contrastantes. Sons, marchas e cantos de guerra.

CORO DO TEATRINHO DE TÍTERES

Utopia! Utopia! Utopia! *(Vão diminuindo as vozes.)*

ARIEL

(Sozinho.) Assim, Utopia viverá longos dias de glória!

Desintegra-se o teatrinho de títeres. Figuras estáticas.

IX. A INTRIGA

SHYLOCK

Felicitações, Próspero! (*Sinuoso.*) Suas ideias são belíssimas... A República é um progresso? E a sua filha? Você não queria casá-la com um guerreiro educado na fazanha e na nobreza?

Próspero afirma.

SHYLOCK

Poderia haver alguma rebelião... Os militares colocariam as suas armas a serviço de tua República.

PRÓSPERO

(*Arrogante.*) Quero para minha filha um casamento feliz de onde nasçam filhos inspirados nas leis da natureza.

SHYLOCK

Como esse? (*Aponta.*)

Imagens de Miranda e Caliban no bosque. O ninho. Música de Miranda e Caliban. Sons da ilha: pássaros, rio. Os corpos nus entre os ramos.

PRÓSPERO

(*Gestos de ira.*) Escute bem, Miranda! Se rejeitar o casamento que eu lhe ofereço, a minha maldição e o meu castigo cairão sobre você! Como lhe ocorreu olhar para o filho dessa bruxa, essa criatura infectada? (*Revoltado.*) Queimarei a ilha! Incendiarei os bosques! Afundarei esta ilha no mar! (*Para Caliban.*) Canibal!

*Caliban foge para o monte. Miranda no rio, chama Oshún.
Toque de tambores e canto ritual de Oshún.*

MIRANDA

Yeyeo!¹⁸

CORO DE PERCUSSIONISTAS

(Canto de invocação a Oshún.)

OSHÚN

(Aparece no rio. A Miranda.) Parecerá que está morta. Dormirá em doces sonhos... Seu corpo será nave, oceano, vento, mas quando despertar, a alma do amor estará em você. *(Riso.)*

CORO DE PERCUSSIONISTAS

(Toque e canto yeyeo in-crescendo.)

Riso de Oshún.

MIRANDA

Caliban! Caliban! (Toque vertiginoso de tambores.) Quero povoar esta ilha de calibans!

¹⁸ Saudação à deusa Oshún na *Santería Cubana*. (NT).

X. O CASAMENTO
(UM BAILE DE MÁSCARAS)

Toque de caixa militar. Entrada de Próspero e Otelo. (Como na representação inicial das ruas.)

MIRANDA

(Simulando.) Pai, suplico-lhe perdão.

Próspero lhe oferece as máscaras do casamento de Miranda e Otelo.

PRÓSPERO

(A Otelo. Entrega-lhe a mão de Miranda com a sua vara.) Lhe ofereço a mais prezada prenda do meu coração.

Toque marcial. Entram Hamlet e Shylock, mascarados.

OTELO

(Retirando a máscara.) Se enganou o seu pai também pode me enganar.

MIRANDA

Por que o amor, que parece tão doce, quando se prova é áspero e tirano?

Entram os deuses antigos da ilha. Toque e canto de Ayelé: júbilo e oferendas pelo casamento. Colocam as oferendas: máscaras de teatrinho de títeres, moedas de ouro, facas.

PRÓSPERO

(Encantado.) São os antigos deuses da ilha! *(Todos aplaudem.)*

Irrompe Shylock. Mostra um pergaminho.

SHYLOCK

Próspero, charlatão utópico, cuspo sobre tua Terra Prometida! Aqui está o recibo. Onde está o dinheiro que você me deve? Exijo um julgamento justo. Olho por olho, dente por dente, ferida por ferida! (*Cada texto de Shylock é parodiado por Hamlet com máscara do comediante.*)

PRÓSPERO

(*Assustado, com a vara.*) Ariel, submeto o meu poder à tua justiça!

ARIEL

(*Chega voando.*) Aqui estou Shylock! Embora ainda seja jovem letrado, sei como administrar a Lei da República. E te prometo que se este tribunal achar justa a tua demanda, eu te defenderei como o arcanjo Gabriel!

SHYLOCK

Aleluia! Undaniel veio me julgar! Adonai...! (*Reza judia.*)

ARIEL

Não tão depressa, Shylock! Porque se encontro uma falha, mesmo que seja leve como o cabelo de um anjo... morrerás, e todos os teus bens serão confiscados em benefício do Estado!

SHYLOCK

Ele me prometeu uma boa terra! Nas suas planícies acharia cobre e ouro. Nas suas águas a Fonte da Eterna Juventude. Um

juramento selou nosso pacto, se eu não achasse El Dourado que ele me prometeu, teria uma libra de carne do seu coração. Assim foi como me enrolei nesta aventura e Próspero financiou a sua Utopia com o meu dinheiro!

PRÓSPERO

Covarde e cego quem do mundo magnífico murmura!

SHYLOCK

Agora venceu o prazo e já que a sua carne não serve para outra coisa, pelo menos servirá para alimentar a minha vingança.

ARIEL

Judeu, embora a lei seja o teu ponto de apoio, considere bem isto: todos escondem embaixo do disfarce alguma paixão ou algum crime. Existe algo que possa despertar a sua clemência?

SHYLOCK

Nada! Quero o que é meu! Ou a terra onde o leite e o mel fluem como a água ou uma libra de carne do seu coração!

ARIEL

Assim será! Está aberta a sessão do julgamento: o rico comerciante Shylock contra a República! (*Toque dobrado de tambores.*) Aqui estão as provas, Excelência! (*Pega as máscaras de Romeu e Julieta.*)

XI. O JULGAMENTO.
(BALADA DE ROMEU E JULIETA)

SHYLOCK JOVEM

(Vê a máscara, a reconhece. Para ela.) Ah, oxalá eu pudesse voltar aos dias em que você me fazia companhia! Quando eu era muito jovem e pensava: meus dias serão longos como a areia do deserto e morrerei ancião e tranquilo nos braços da minha amada! *(Coloca a máscara de Romeu.)*

Música do teatrinho de títeres de Romeu e Julieta.

MÁSCARA DE ROMEU

Mas, silêncio! Que resplendor abre passagem através daquela janela! *(Do seu corpo sai a máscara de Julieta. Cantam.)* À oliveira/ à oliveira subi/ e ao cortar um ramo/ da oliveira caí.

MÁSCARA DE ROMEU

Quem és tu que assim, envolta na noite, surpreendes dessa forma o meu segredo? Como chegaste até aqui e para quê?

MÁSCARA DE JULIETA

(Retira as facas.) Vem, noite, conte-me como, servindo-se do teu manto, um néscio judeu rico abandonou sua amada à morte e trocou amor por dinheiro!

Dança das facas. Música renascentista. Todos dançam no casamento. Ações simultâneas. Contrapontos. Oshún e Oyá vestidas de preto, duas facas, máscaras brancas: são as Parcas. Dança de Otelo e Miranda: máscaras do casamento: preta e branca. Entra Caliban mascarado.

MÁSCARA DE JULIETA

O que é um nome? Esqueça esse nome que não forma parte de você e me tome toda inteira! (*Lhe oferece as facas.*) Um juramento selou nosso pacto! (*Morre.*)

MÁSCARA DE ROMEU

(*Tira as facas.*) Não posso! Não posso!

MIRANDA

(*A Caliban mascarado, assustada.*) Quem é você?

Caliban tira a máscara.

MIRANDA

Caliban!

SHYLOCK

(*Descobre as oferendas: são moedas de ouro. Tira a máscara.*) Mas, o que veem meus olhos? (*Acaricia as moedas.*) É o espelho da fortuna!

MIRANDA

(*A Caliban. Jogo de máscaras em contraponto com o teatrinho de títeres.*) Se meu pai descobrir você, vai lhe matar! (*Unem as mãos e se beijam.*)

SHYLOCK

(*Às moedas.*) Minhas amadas, nenhum coração humano pode suportar tanta sorte!

ARIEL

Traição, Excelência! Culpável!

Toque de atabaque. Miranda e Caliban fogem. Otelو percebe.

OTELO

(Tira a máscara.) O escravo rouba a pérola do senhor na sua própria festa! *(Persegue-os.)*

Descem as forcas. As parcas colocam-se para receber os atributos de Shylock.

ARIEL

(Enquanto o desveste.) Os poderes postergam, Shylock, mas não esquecem. Uma longa agonia seguirá os teus passos. Você será condenado a viver para sempre como judeu, errante e estrangeiro!

Morte ritual de Shylock. As parcas lhe colocam a máscara Funerária. Os vestidos e a máscara de Shylock jovem pendurados na forca. É um cachorro. Uiva, late. Ruídos, golpes, sons estranhos.

PRÓSPERO

Excelente representação, Ariel, agora meu inimigo está acorrentado!

XII. OS CACHORROS DE PRÓSPERO

Sobre o som, canto ritual para a morte de Otelô.

OSHÚN E OYÁ

(Cantam como as Parcas.) Que quatro capitães levantem Otelô!
(Se acercam, vestidas de preto, com máscaras brancas e os irukes.)

OTELO

(Estende as mãos quando as vê.) Ninguém pode fugir do seu destino!

PARCAS

(Cantam.) Que quatro capitães levantem Otelô! *(Mostram-lhe a forca.)*

OTELO

O que é isso? *(Ri. Colocam-lhe na forca.)*

OYÁ

Um arranhão...

OTELO

Dói? *(Ri.)*

OYÁ

Não é tão largo como uma porta...

OSHÚN

Nem tão profundo como um poço...

AS DUAS

Mas cumprirá sua encomenda. *(Chicoteiam-no suavemente, colocam a cauda do iruke nas mãos dele.)*

Sicorax por trás, com a máscara da morte de Otelo.

OTELO

(Uma visão.) Meu lenço! Onde está o meu lenço?

OYÁ

(Muito perto, quase num sussurro.) Assassinação! Injustamente assassinada!

OSHÚN

(Acaricia-o.) Cuide dos ciúmes, meu senhor. *(Riêm, gritam, pegam a força.)*

Enforcam Otelo com a máscara da morte. Transformado em cachorro: uiva, late. Ruídos, golpes. Entram Próspero e Ariel. Caliban acorrentado. Os cachorros são como feras acoçando Caliban. Latidos.

ARIEL

(A Próspero, por Caliban.) Deixe-o ir, meu senhor, deixe-o ir!

HAMLET

(Com a máscara do comediante, escondido, ao público.) Esta terra está cheia de forcas por todas as partes!

PRÓSPERO

(Para Caliban, frenético. Golpeia-o com a vara.) Como te ocorreu, com as palavras que te ensinei, pronunciar seu nome? *(Os cachorros ladram, uivam, acossam Caliban.)*

ARIEL

(Suplicando.) Deixe-o ir! O encerrarei numa gruta! O enfiarei no bosque pelo resto dos seus dias!

PRÓSPERO

(Golpeia-o.) Ariel, ou fazes o que te ordenei ou sofrerás até que os teus ossos quebrem de dor!

ARIEL

(Chorando.) Ai! Obedecerei, senhor!

PRÓSPERO

Castigo a traição com a morte!

ARIEL

Ai!

PRÓSPERO

(A Caliban, golpeando-o.) Aborto de bruxa, você nem sabia quem era?

HAMLET

(Com a máscara, por Caliban.) Escravo onde foi rei!

PRÓSPERO

(Com desprezo, golpeando selvagemmente Caliban.) Sim, rei do monte, rei do papagaio, rei do crocodilo, rei do macaco!

ARIEL

Ai!

HAMLET

(Com ironia, para o público.) Esse tirano lhes rouba a ilha!

PRÓSPERO

(Furioso.) Esta ilha é minha!

Uivos de cachorros, latidos. Percussão. Sons disformes, golpes, ruídos. Trilha sonora da ilha deformada. Ações simultâneas. Miranda no bosque. Enlouquecida, chamando Caliban. Encontra com Oyá (Máscara da flor.). Dança das facas com Oyá. Oyá entrega a faca de Julieta no teatrinho de títeres. Uivos, latidos de cachorros.

MIRANDA

A vileza fez armadilhas para o amor... Deixou meu coração...!

MIRANDA E OYÁ

(Oyá abraça Miranda com iruke no ventre) Azul!

OYÁ

(Enquanto a abraça, lhe repete as palavras de Oshún.) Dormirás em doces sonhos... *(Balança-a.)* Teu corpo será... nave... oceano... vento...

MIRANDA

(Lembra da promessa de Oshún, grita.) Caliban! Caliban!

Os cachorros a acossam. Defende-se com a faca. Latem, uivam. Crava a faca no ventre. Ojá por trás com a máscara da Flor. Sinos tocam. Miranda cai e os cachorros compõem o sepulcro. Ojá coloca-lhe a máscara. Transfigura-se em flor. Oshún sai do rio (Como Ofélia.). Asfixia. Ações simultâneas. Música do sepulcro. Toques de sinos.

XIII. O SEPULCRO

Loucura de Ofélia. No fundo, a imagem do sepulcro: os cachorros de Próspero carregam Miranda.

OFÉLIA

(Enlouquecida, num tremor.) Eu lhe amava/ eu não lhe amava/
eu lhe amava/ eu não lhe amava!/ És formosa?! És honesta?
(Ri.) Sou donzelinha! *(Risos convulsivos de Oshún. Imagem da morte de Ofélia: asfixia, derivando no grito.)* Yeyeo!

PRÓSPERO

(Vê Miranda.) Deus!

Grito de Sicorax.

OSHÚN/OFÉLIA

(Deixa cair as flores, em delírio.) Rosas... cravos... arrudas...
gardêneas... *(As flores estão ao redor do corpo de Miranda.)*

PRÓSPERO

(Com dor.) Quem cometeu este crime?

SICORAX

(Com a máscara de morte.) Ogunda Odi!¹⁹

¹⁹ Ogunda Odi (Iorubá): O que se sabe não se pergunta. Signo de Ocha 7 e 3. Fala Eggún e Yemayá. Nasce a magia negra. (NT).

PRÓSPERO

Quem provocou esta vingança?

SICORAX

(Palavras em Iorubá.)

PRÓSPERO

(Frente ao cadáver de Miranda sobre os cachorros.) Minha ambição, minha soberba... surdo e cego a tudo aquilo que não fosse a minha Utopia! *(Como um lamento.)* Miranda!

SICORAX

(Frente ao cárcere do filho.) Caliban! *(O liberta do cárcere.)*

Toques de sinos. Oyá detrás de Próspero.

PRÓSPERO

O que é isso que balanço, o berço de um filho ou o cadáver de um sonho?

Oyá tira-lhe a vara. Próspero cai de joelhos.

PRÓSPERO

Abjuro da minha magia!

Tira-lhe a capa.

PRÓSPERO

Eu não verei esta terra ensanguentada!

Toques de sinos.

PRÓSPERO

(Procura-o.) Ariel, devolvo a tua liberdade!

Oyá lhe coloca a máscara. Toques de sinos. Morte de Próspero. Oyá com a vara e a capa. Coloca-o na forca. Toques de sinos. Risos de Oyá.

OYÁ

(Com a vara e a capa.) Sangue! *(Riso.)* Sangue! Quem diria que o velho tem tanto sangue? *(Ri. Chamando.)* Macbeth! *(Riso.)* Macbeth!

Toques de sinos. Canto ritual de Echu.

XIV. OS ASSASSINOS
(O BOSQUE DOS ENFORCADOS)

Entra Echu: máscara da Morte. Ações simultâneas: mutações de Oyá em Lady Macbeth. Contraponto. Sons. Risos. Gritos de Oyá.

ELEGGUÁ/ECHU

(Visualiza a ação.) Pobre pátria minha! Sangra! Sangra!

OYÁ/ LADY MACBETH

(Move os braços, a cabeça.) Sangue!

Entra Macbeth. Sons. Gritos. Um lamento. Movimentos com a adaga.

ECHU

Tu, Macbeth, és o mais vil verme que jamais viveu...

Música dos assassinos.

LADY MACBETH

(Mutações de Oyá.) Sangue!

ECHU

E parecias bondoso...

LADY MACBETH

(Gritos, ofegantes.) Nenhum homem nascido de ventre de mulher... *(Gritos, lamento.)* pode matar Macbeth...!

ECHU

Somente se o bosque avança...

LADY MACBETH

Macbeth nunca será vencido!

ECHU

Quem tem o poder de dizer ao bosque que avance?

LADY MACBETH

Macbeth!

ECHU

Quem tem o poder de dizer à árvore que arranque da terra
à sua raiz?

LADY MACBETH

Macbeth!

ECHU

Echu!

MACBETH

(Como se estivesse a cavalo e com adaga.) Está rouco o corvo e
anuncia com grasnidos a sua fatal chegada...

LADY MACBETH

(Gritos.)

MACBETH

Espíritos! Espíritos! Encham-me da mais espantosa crueldade.
(*Risos.*) Que se espesse o meu sangue! Que se fechem todas as portas do remorso! Que meus sentimentos naturais não venham a impedir o meu propósito!

LADY MACBETH

(*Como um canto.*) Macbeth não dormirá! Macbeth matou o sonho!

MACBETH

(*Ações com a adaga.*)

LADY MACBETH

(*Canta.*) Serás o que tens prometido, serás/ mas temo a tua natureza meu bem...

MACBETH

(*Rindo.*) Vem, para que eu possa esvaziar em teus ouvidos toda minha coragem...

LADY MACBETH

...carregada do leite de humana bondade...

MACBETH

Vem aos meus peitos de mulher e converte o meu leite em fel!

LADY MACBETH

...serás o que tens prometido, serás... Rei! Ai! Mas não tronco de reis! (*Gritos.*)

MACBETH

Espíritos! (*Cai no chão. Tapa os ouvidos.*)

Música dos assassinos. Arquejos, sons guturais.

LADY MACBETH

Qual foi o animal que lhe fez me propor empresa como esta?
Você era um homem quando se atrevia!

MACBETH

(*Levanta. Brinca com as facas.*) Fui cumulado de honras e vou
luzi-las em todo o seu esplendor!

LADY MACBETH

(*Risos.*) Dei meu leite e sei quão terno é amar o ser que se ama-
menta... no instante em que bebia sorrindo, teria tirado meu
mamilo das suas brandas gengivas e amassado a sua cabeça,
se tivesse jurado como você fez...

MACBETH

(*Brinca com a adaga.*) E se falhar?

LADY MACBETH

Estica a corda do teu valor e não falharemos!

Sons intensos.

LADY MACBETH

(*Como um canto.*) Ao leito! Ao leito! (*Envolve-se num tecido
vermelho.*)

MACBETH

(Ri como um louco.) Ao leito! Ao leito!

LADY MACBETH

(Lhe atira o tecido.) Para enganar o mundo toma do mundo a aparência! Ao leito!

MACBETH

(Os dois sobre o tecido vermelho.) És de um material tão duro...
Sejam somente homens os que tu engendes! *(Risos.)*

Jogo do amor com punhais. Gritos, risos. Sons intensos.

VOZES

(Em coro.) Ilha!

MACBETH

(Apavorado.) Você escutou alguma coisa? *(Tampa os ouvidos.)*

LADY MACBETH

(Ri.) O lamento do mocho e o canto dos grilos... *(Se abraçam.)* Que vontade tão débil! *(O empurra.)* Dá-me os punhais!
(Pega-os.)

MACBETH

Tenho o valor que qualquer homem tem! *(Com a adaga.)* Está decidido! *(Figura com as adagas.)* Nós faremos com que sobre as cinzas desta terra floresça a prosperidade!

ARIEL

(Ferido, detrás do corpo de Próspero.) Próspero! Babá! *(O acarícia. Para o público.)* Que obra mestra é o homem! *(Chora.)* Eu era seu mensageiro... seu arco de água...

MACBETH

Quem anda aí? *(Ariel chega.)*

ARIEL

(Tremendo.) Eu! Acabo de chegar...

LADY MACBETH

Ariel! *(Ameaçam-no com as adagas.)* Estavas colocando uma flor sobre a tumba do mestre?

MACBETH

Você era realmente o seu discípulo?

ARIEL

(Aterrorizado.) Eu não! *(Alfinetam-no com as facas.)* Ele me obrigava... como um mago tirano me atava a um pinheiro... *(Ri.)* Tinha inveja do meu talento... da minha juventude... da minha rebeldia...! Os velhos têm as barbas cinzas... E uma grande frouxidão nas nádegas!

MACBETH E LADY MACBETH

(Gargalhadas.)

MACBETH

(Corta-o com a faca.) Então você não aprendeu nada com ele?

ARIEL

(Rindo e chorando.) Nada!

Gargalhadas. Macbeth cumprimenta o público. Olha as forcas. Descobre Hamlet.

MACBETH

Hamlet!

HAMLET

(Ri. Tira a forca do pescoço. Máscara de Comediante.) Você vende peixe? *(Risos.)* Você é peixeiro? *(Risos de Macbeth e Lady Macbeth.)* Oxalá! *(Como um bufão.)* Você seria honrado... e essa ilha não seria um cárcere!

MACBETH

(Dissimula, sorri, cumprimenta o público. Em segredo a Lady Macbeth.) Um louco como este torna-se perigoso...

LADY MACBETH

A sua liberdade é uma grande ameaça para todos... *(Sorriem, cumprimentam.)*

HAMLET

(Com a caveira.) Próspero foi pinchado como um rato! *(Brinca com a caveira, joga-a.)* Há algo podre no reino da... da...

MACBETH E LADY MACBETH

(Dissimulam, aplaudem o jogo.)

MACBETH

(Enquanto aplaude.) Sua loucura não pode ficar sem vigilância...

LADY MACBETH

(Sorri, aplaude.) É preciso eliminá-lo...

MACBETH

Mas com muito cuidado... os artistas gozam do favor de muita gente...

LADY MACBETH

(À imagem de Próspero, no delírio.) Próspero você estava velho, cansado, a sua República converteu-se num solo estéril! Há que saber morrer, velho Próspero! *(Limpam as facas.)*

Música do Banquete. Entram os cachorros. Oteló carrega o corpo de Miranda. Coloca-a sobre o tecido vermelho. São espectros: delírios e visões de Macbeth e Lady Macbeth. Uma orgia.

MACBETH

Oteló! Você era de um material tão brando que não pôde chegar ao final! *(Risos.)*

LADY MACBETH

Shylock! Você nunca chegou à Terra Prometida!

Uivam. Sons disformes.

MACBETH

E aqui está Miranda, a amante de Caliban, a rainha de todas as rameiras! (*Tira a adaga.*) Muito bem... aproxime-se da grande ceia de Deus! (*Corta o corpo de Miranda. Comem. Uivos.*)

LADY MACBETH E MACBETH

(*No delírio.*) Sangue! Sangue! (*Vomitam.*)

Visões de Macbeth.

MACBETH

Nos olham... movem as cabeças! Próspero, não sacudas a tua cabeça ensanguentada sobre a minha mesa!

LADY MACBETH

(*Limpendo as mãos.*) Sorria, marido meu... sorria... são somente cadeiras vazias...

MACBETH

Olha... eles... (*cai*)

LADY MACBETH

Levante! Hoje é o dia da tua coroação! (*Envolve-o no tecido vermelho.*)

Música da coroação. Entram todas as máscaras. Colocam as máscaras em Macbeth e Lady Macbeth.

Coro de Aduladores. Textos do Cântico dos Cânticos.

MÁSCARA 1

Salve Macbeth!

TODOS

Salve!

MÁSCARA 2

És formoso, amigo meu, e doce...

MÁSCARA 3

Saí, donzelas, e vede o Rei Salomão!

MÁSCARA 4

A cor do teu cabelo é como a cor púrpura!

MÁSCARA 5

Mil escudos estão pendurados em ti e todos são escudos de valente!

MÁSCARA 6

Põe-me como um selo sobre seu coração, como uma marca sobre teu braço.

Toque de tambores. O coro de adutores transforma-se no bosque que avança. Vozes.

MÁSCARA 1

Senhor, dez mil soldados se aproximam... trazem ramos nas suas cabeças!

MACBETH

Mentira! A minha vida está protegida por um feitiço!

HAMLET

(Do cárcere, acima, no outro nível.) Traição!

Todos se voltam para Hamlet. Figuras estáticas. Silêncio.

HAMLET

Assassinato!

Toque de tambores. O bosque avança arrastando Macbeth.

HAMLET

Os atos contra a natureza provocam grandes distúrbios!

MACBETH

Quem grita assim?

HAMLET

(Tira a máscara do Comediante) Eu, o filho de um querido pai assassinado!

Toque e dança do bosque contra Macbeth.

MÁSCARA 2

Senhor, os nobres te abandonam!

LADY MACBETH

Ontem à noite sonhei com tua estátua...! Como uma fonte jorrando sangue! Sangue!

MÁSCARAS

Sangue! Sangue!

*Figuras estáticas. Toque e canto ritual: Okomodansele.²⁰
Coro de máscaras.*

MÁSCARA 1

(Oshún.) Olha lá, está profundamente adormecida!

MÁSCARA 2

(Elegguá.) Tem os olhos abertos!

MÁSCARA 3

(Oyá.) A rainha morreu, meu senhor!

*Toque vertiginoso de tambores. Uivos, gritos. As máscaras
rodeiam Macbeth.*

MÁSCARA 3

Salve Macbeth!

TODAS

Salve!

Morte de Macbeth.

²⁰ É um canto de ritual Iorubá.

XV. CALIBAN REX

Tiram as máscaras lentamente. Sons de asfixia. Os atores avançam em distintas direções. Imagens do esgotamento. Tremores, convulsões. Sons das ondas do mar.

VOZES

(Como um eco.) Caliban! Caliban! Caliban!

Caliban avança com todas as máscaras.

ATOR 1

(Como um lamento.) Leva-nos à terra que nos têm prometido!

Sons da ilha.

ATOR 2

(Com asfixia.) Será um paraíso...!

ATOR 3

... de pássaros exóticos!

CORO

(Como um eco.) Ilha...!

ATOR 4

Caliban!

ATOR 5

Meu irmão será...!

*Sons das ondas. Imagem de Caliban com todas as máscaras
ao centro. Som de um barco.*

Escuridão. Sons de asfixia.

Caliban se detém.

FIM

Raquel Carrió (*La Habana, 1951*)

Professora, dramaturga e ensaísta.

Fundadora da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Artes de Havana - Cuba, e fundadora do EITALC (Escola Internacional de Teatro da América Latina e do Caribe). Professora titular de Dramaturgia e Metodologia da Investigação Teatral. Tem recebido inúmeros prêmios e distinções pelos seus ensaios e estudos críticos (Dramaturgia cubana contemporânea / Estudos críticos / Recuperar a Memória do fogo, entre outros). Tem ministrado conferências, cursos e seminários em universidades e instituições culturais da América Latina, Europa, América do Norte, Ásia, África e Austrália, e participado como investigadora nas sessões do ISTA (Escola Internacional de Antropologia Teatral), sob a direção de Eugenio Barba.

Assessora de Dramaturgia do Teatro Buendía desde a sua fundação. Suas versões de *Las ruinas circulares*, *Otra Tempestad*, *La vida en rosa*, *Las bacantes*, *Charenton* e *Woyzeck* têm sido reconhecidas pelo público e pela crítica especializada em diversas partes do mundo.

Flora Lauten (*La Habana, 1942*)

Professora, atriz e diretora teatral. Funda em Havana, em 1986, o Grupo Teatro Buendía com alunos formados no Instituto Superior de Arte. É professora titular de Interpretação e Direção Teatral da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Artes de Havana – Cuba, e fundadora da EITALC (Escola Internacional de Teatro da América Latina e do Caribe), onde tem ministrado cursos, seminários e feito demonstrações de trabalho. O caráter renovador e a qualidade das suas inter-

pretações, cursos e encenações nas duas últimas décadas (*Lila la mariposa*, *Las perlas de tu boca*, *La cándida Eréndira*, *Otra tempestad*, *La vida en rosa*, *Bacantes*, *Charenton* e *Woyzeck*, entre outras) têm obtido prêmios e reconhecimentos do público e da crítica especializada na América Latina, Europa, América do Norte, Ásia, África e Austrália.

Tem ministrado cursos sobre o treinamento do ator, máscaras, improvisação e técnicas de montagem em inúmeros países e instituições culturais. No ano de 2005, foi condecorada com o Prêmio Nacional de Teatro pela obra de toda sua vida.

Colofão

Formato	13 x 20 cm
Tipologia	AGaramond
Papel	Alta Alvura 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão	Setor de Reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	Gráfica
Tiragem	XXX exemplares